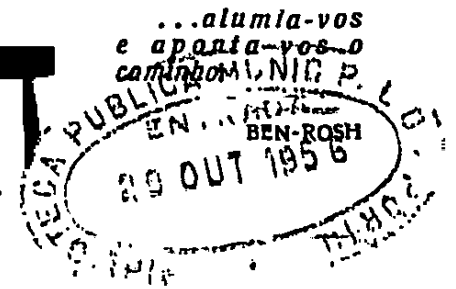


*Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.*

BEN ROSH

תְּלִפִּיד

(HA-LAPID)
O F A C H O



DIRECT. & EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haim
Rua Guerra Junqueiro. 340 — PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIPOGRAFIA MENDONÇA
Rua Jorge Viterbo Ferreira, 12-2.
PORTO

BABILÓNIA

(Salmo CXXXVII)

*Nas margens dos teus rios nos sentamos
Chorando com saudades de Sião,
Sentindo bem, no nosso coração,
O triste cativo em que ficamos.*

*Nos salgueiros, as harpas penduramos
E os algozes disseram-nos então:
— Cantai alegremente uma canção,
Um cântico do Templo que arrasamos*

*Um cântico ao Eterno, entre inimigos!...
Jerusalém! Que todos os castigos
Me venham, se algum dia te esquecer!*

*E tu Senhor, repara nos culpados.
Que os seus filhos pareçam esmagados!
Que sofram como estamos a sofrer!*

16-12-1953.

HANID ESTELA.

ISRAEL

*Alemanha... Polónia... Até na França,
Quanta injustiça e quanta dor sofrida!
Vida de inferno onde era destruída,
Dia após dia, toda a vossa Esperança...*

*E terminada a guerra, que lembrança
Vos ficou desta Europa enlouquecida?
Seis milhões de inocentes, já sem vida,
Na mais bárbara e trágica matança...*

*E no fim de tantos anos de ansiedade
Conquistastes agora a Liberdade
Na pátria querida que dá leite e mel!*

*E nesta hora bendita e neste dia
Chorai, ó meus Irmãos, mas de alegria
Beijando a Terra Santa de Israel!*

15-5-1948

HANID ESTELA.

ESBOÇO DUMA DOCTRINA JUDAICA

por DAVID BERMAN, RABI DA COMUNIDADE DE BRUXELAS

(Continuação do N.º 152)

CAPÍTULO XVI

Circuncisão, Bar-Mitsvah, Casamento, Morte

III - Ciclo da Vida

Não é cada dia, não é cada ano, é toda a vida que é cercada de santidade, desde o nascimento (circuncisão) até a morte, passando pela adolescência (Bar-Mitsvah) e o casamento (Kidushim). O israelita nasce em via de constituir um valor moral; ele celebra o dia em que começa a tomar consciência das suas responsabilidades na existência: ele festeja, e a comunidade toda inteira festeja com ele, o momento em que ele se une a uma companheira em vista de assegurar a continuidade do espírito eterno, mantido pelo génio d'Israel, e no momento, de morrer, il põe o seu orgulho a entregar a Deus a alma pura que dele tinha recebido.

CAPÍTULO XVII

Circuncisão

Desde o seu nascimento, o israelita é marcado com um sinal que o inscreve na comunidade de Israel: a circuncisão. Ele entra assim na vida não como uma simples célula animal, mas como um valor moral. A razão higiénica que pode determinar este uso na origem não é certamente a que o fez manter com uma singular tenacidade, ao ponto que a Bíblia declara que «aquele que não aceitar este símbolo será irradiado da lista do seu povo» (Gen. XVII, 14). Se este rito é tornado um símbolo de ligação ao judaísmo e que este aí vê «uma aliança

entre Deus, duma parte, Abraham e a sua descendência da outra». A circuncisão é de tal modo ligada à ideia de fidelidade ao judaísmo que ela serve de expressão simbólica aos profetas para designar a própria fidelidade: «Circuncisai o prepúcio de vossos corações e (Deut.) não endureceis mais a vossa nuca.» X, 16). Em duas palavras: entrando na vida, o israelita entra na comunidade dos descendentes de d'Abraham (leha-Khnissó bivrithó chel Abraham avinu), e por lá na humanidade moralmente civilizada.

Certos acharão talvez estranho que se determine a religião dum homem antes mesmo que ele tenha podido conceber a menor opinião pessoal e dar a sua adesão. Mas aqueles esquecem que é uma toda outra coisa que formular raciocínios objectivos, como na ciência, e obdecer a raciocínios subjectivos, como na moral. Com uma inteligência suficientemente desenvolvida, um homem se porá sempre ao corrente das teses e das ideias que poderão interessá-lo, e se ele se sente incapaz de escolher o seu ponto de vista pessoal, a sua abstenção não será prejudicial a ninguém. Ele é todo de outro modo na vida moral, onde ninguém se pode abster e onde a atitude de cada um na vida nos interessa a todos. Ora, esta será determinada, menos pela maneira de raciocinar, que pelo conjunto dos sentimentos que serão formados com o desenvolvimento do indivíduo, sua experiência dos homens e das coisas e as impressões que ele tiver guardado.

Estes mesmos censores, de resto, não tardarão seus filhos nos exercícios corporais ou nas artes de divertimentos, sem que eles estejam em estado de exprimir uma preferência em favor dum método ou dum outro. Eles também

não se mostram escrupulosos em reprovar que se seja votado a um país desde o seu nascimento. Como não é nunca demasiado cedo para dirigir um homem em vista dos deveres da vida e que não se saberia esperar, para o fazer, a idade da maturidade da razão e da fixidez dos sentimentos, o pai é bem obrigado de dirigir os seus filhos segundo os princípios que ele próprio seguiu ou que, pelo menos, ele não desaprovou. No dia em que os seus filhos forem capazes de raciocinar e apreciar eles próprios, eles terão sempre a possibilidade, se eles não estão satisfeitos, de renunciar à religião de seus pais. Mas, seria lamentável que estes possam, um dia em que actos irreparáveis terão sido cometidos, encorrer na censura de os ter preparados a afrontar as dificuldades morais da vida e de os ter deixados desarmados diante das tentações que nos espreitam a cada momento da nossa existencia e de lhes ter dado, como último recurso, a perspectiva de começar a sua educação moral numa idade em que os outros a têm já acabado. Não é nunca demasiado cedo para dirigir um homem no caminho do bem. A educação começa com a vida.

CAPÍTULO XVIII

Bar Mitsvah

A educação começada com a vida prossegue com ela e, como a criança veio ao mundo em vista de constituir um valor moral, é um dia de festa também aquele em que, saindo da sua primeira adolescência, ele começa a tomar consciência dos deveres que o esperam na vida. É nesta honra que ele é promovido à dignidade de «Bar Mitsvah» (pessoa responsável) e convidado a ler, pela primeira vez, no Livro sagrado, chave mágica do grande livro da vida.

CAPÍTULO XIX

Casamento

Depois das responsabilidades de jovem vem as do chefe de família (Baal

habaith). Pelo casamento, o israelita atinge uma nova dignidade e um novo estado de santidade (Kidushim). Ele não tem necessidade de ser empellido para a prosperidade familiar por medidas ministeriais e o atractivo duma insignificante ajuda material ele tem nisso um bem estar moral. Tendo aprendido a amar o espírito de que se sente o depositário ele faz uma alegria de transmitir o facho porque, em se casando, ele não se impõe somente um contrato entre ele e sua esposa, mas também para com a sua descendência.

CAPÍTULO XX

Morte

Todo o esforço do israelita, durante a sua vida, é de conservar pura, a alma que recebeu pura. Ligado à eternidade pelo sentimento de santidade, ele sente que tudo não desapareceu com a morte e que através as gerações que se sucederam se continua o mesmo sobre eterno de que nós somos uma chama. É porque ele não exprime lamentações na morte dos seus queridos desaparecidos, mas ele comunica, com eles na eternidade da santidade divina (Kadishe), na qual, confundidos, nós tocamos uma parcela de imortalidade.

Conclusão da segunda parte

É assim que a santidade, que preside ao nascimento e se persegue toda a existência, não cessa com a morte senão para se transportar para as gerações sucessivas. Também, quanto são vãs estas discussões pelo meio das quais certos apologistas do cristianismo se teem esforçado de estabelecer que a moral judaica foi ultrapassada pela dos evangelhos sob o pretexto que certas das suas fórmulas teriam sido redigidas mais habilmente. Colocar a questão sobre este terreno, é colocá-la sobre aquele, mesquinho, de chicanas, bizantinas, indignas, dum tão grande assunto. Admitindo que as fórmulas dos evangelhos sejam tão originaes como pretendem os seus protectores, não são

OS JUDEUS

e o descobrimento da América

(Continuação do N.º 153)

Colombo conseguiu ocultar a sua origem e assim passou-se à discussão do seu projecto marítimo. Não há dúvida de que a ideia de Colombo era atractiva para a corte espanhola: ao mesmo tempo que servia de gesto de mofo e de sarcasmo contra o rei de Portugal, que queria monopolizar todos os descobrimentos, deixando os pobres espanhóis a crescer água na boca... Mas o que Colombo não disse à rainha foi que, se ele tinha ideias de tão grande alcance, as devia em grande parte aos papéis e mapas que tinham sido propriedade do seu sogro (Bartolomeu Perestrelo), cuja filha era agora sua esposa. Contrariamente ao que se diz, a rainha não empenhou as suas jóias para obter o dinheiro por meio da qual forneceria navios e marinheiros a Colombo. Para financiar essa empresa a corte de Espanha (como era também de uso nesse tempo, mesmo em Portugal), pediu — seria melhor dizer, «ordenou» — aos banqueiros judeus que dessem o dinheiro para as despesas.

Um rico judeu, chamado Abravanel, contribuiu financeiramente para a viagem com ajuda dum banqueiro amigo

da corte, chamado Luís de Sant'angelo, também judeu, mas que não passava por tal («marrano» era o nome que nesse tempo se dava aos judeus que fingiam ser católicos, para poderem estar a salvo de qualquer perseguição). Ambos, pois, adquiriram os três navios que trouxeram o almirante Cristóvão Colombo para as costas americanas, — navios que se denominavam «Santa Maria», «Pinta», e «Nina».

Após 5 semanas de viagem por mares desconhecidos ainda não se via terra e as velas dos três navios estavam pendentes como trapos sem que o vento as enfunasse, e o Céu escaldava, rutilante de sol abrazador. A tripulação, insatisfeita, murmurava, preparando-se para a revolta. A incitá-la ao motim havia a bordo um individuo de nome Lope de Gor, que há última hora se tinha associado à aventura depois, de ter contribuído para com a compra dos três sinos dos barcos. Ao que parece, este Lope de Gor tinha pretensões a substituir o almirante Colombo e a roubar-lhe o prestígio e a fama. Assim nos princípios de Outubro de 1492, os três navios ainda não tinham encon-

nunca senão fórmulas teóricas, que não são aplicadas integralmente na prática da vida e cuja moralidade se mede com cada circunstância. É moral ter dito de estender a face direita aos que batem na face esquerda que ter incitado a os desencorajar pelo medo de sanções? Há mais cuidado com a moral em um Rabi Simon ben-LaKiche que reconhece que aquele que se mostra brando ali onde convém que ele que se mostre firme se conduzirá cruelmente quando tiver de usar de clemência. De facto, o mundo cristão não agiu com os seus rivais com

a mais mansidão e justiça que os outros. O que faz a grandeza do judaísmo, não é tanto por ter encontrado as fórmulas de moral as mais felizes, como dizem os seus rivais, mas de ter estabelecido uma poderosa corrente de vida moral que inspirou estas próprias fórmulas e que teimou no seu entusiasmo, o fiel, mesmo o mais ignorante do texto escrito. O que falta hoje ao mundo, não são nem os tratados, mais maravilhosos uns que os outros nem, nem as formulas mas esta corrente de vida moral que o judaísmo soube criar e desenvolver.

trado porto e a 11 desse mês os tripulantes amotinaram-se sendo o almirante atacado pelo imediato. Mas Colombo deitou abaixo o assaltante com alguns socos bem aplicados. Ao mesmo tempo, Lope de Gor incitava os homens a atirarem o almirante ao mar. Este, imperturbável, esperava a pé firme o primeiro que arremettesse. A confusão era terrível. Só se ouviam insultos e imprecisões, quando de repente o vento começou a enfunar as velas das embarcações; isso fez com que o almirante desse ordem para marchar avante. Mas tanto o imediato como Lope de Gor davam contra-ordens à tripulação, incitando-a que vóltasse para Portugal e Espanha e não obedecesse ao almirante. Em vão este pedia aos homens que tivessem juízo e lhe obedecessem. E a disciplina a bordo já quase não existia.

Foi nesta altura, quando uma tragédia histórica estava quase a desenrolar-se, que o rapaz postado de vigia na torre do mastro, gritou com toda a força dos seus pulmões: «Terra!... Terra!... Terra!...». Esta palavra mágica fez com que os homens se contivessem e, num momento, como que por milagre, a atitude dos amotinados transformou-se de revolta em alegre demonstração de apoteose. Os homens atiraram-se ao chão do convés, ajoelhando-se diante da figura magestosa e impassível do almirante, beijando-lhes os pés e pedindo perdão do acto cometido.

Não quis o almirante Colombo vingar-se nem castigar os culpados. A sua hora tinha chegado; era a ocasião para ser generoso e dar graças à Providência.

Chamando então seu filho Fernando, que o acompanhava na viagem, e Luís Torres, sobrinho do judeu que tinha sido o principal contribuinte para a empresa, Colombo fez face aos homens e, apontando para a terra desconhecida que mais tarde veio a chamar-se, não a Índia, mas a América, proferiu o discurso histórico que demonstra claramente o papel dos judeus na descoberta deste Novo Mundo:

«Nesta hora gloriosa, quando pela primeira vez vamos pisar o solo desta terra dos meus sonhos não devemos,

NOSSAS PERDAS

A 27 de Dezembro de 1954 faleceu em Lisboa o bondoso Engenheiro António Monteiro Azancot, natural de S. Tomé. Foi enterrado no Cimitério Israelita.

A 19 de Abril de 1955 faleceu no Porto o piedoso israelita Asriel Bronstein e foi enterrado no cimitério israelita de Lisboa.

A 29 de Julho de 1955 faleceu no Porto o professor de contabilidade Manuel Oliveira Brandão, um dos primeiros cripto-judeus que entrou oficialmente na Comunidade israelita do Porto.

Do velho Floc-lore comercial português

*Livra-te do mouro e do judeu
E do homem de Viseu,
Vem depois o braguez
Que é pior que todos três,
E o do Porto com seu contrato
Que é pior que todos quatro.*

olvidar o homem que foi o único que tornou realidade esta aventura, contribuindo com os dinheiros necessários para ela. Esse homem foi Luís Santângelo, o «marrano», o judeu e a ele devemos tudo. Aqui vos apresento seu sobrinho, Luís de Torres. Vai ser ele agora o primeiro a entrar no bote que nos levará a terra, e será ele também o primeiro a pôr o pé nessa terra, Não se dirá que Cristóvão Colombo, espanhol e cristão, obediente servo de Sua Majestade e da Igreja, não sabe ser grato e reconhecido para quem o fez grande e vitorioso».

Foi assim que o primeiro homem a pisar terra americana se chamou Luís Torres, um «marrano» e judeu. Os papéis de Colombo provam isso sem deixar a menor dúvida.

(Da Gazeta do Sul 9-1-1955)

B. C.

Não deixem que os seus filhos abandonem o Judaísmo

Amarás pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração e de toda a alma, e de todas as tuas forças.

Estas palavras que te prescrevo hoje estarão sobre o teu coração; tu as inculcarás a teus filhos e delas falarás constantemente na tua casa ou em viagem, ao levantar e o deitar».

Deut. VI, 5

Se seus filhos acham que não precisam frequentar a Sinagoga ou aprender a tradição judaica, vocês cedem e dizem: talvez seja melhor que fiquem em casa, e vão à praia ou ao cinema, como desejam.

A maioria dos pais pensam, em relação à religião, que é melhor esperar até que seus filhos sejam maiores e possam decidir por si mesmos.

No entanto se estes resolverem brincar ou passear em vez de irem ao colégio que farão eles?

Acharão também, que será melhor

esperar que cresçam para resolver se devem estudar ou passear?

Se seus filhos não quiserem lavar os dentes, tomar banho, deitar cedo, ou comer somente doces em vez de comida vocês esperarão que cresçam para resolverem por si mesmos o que devem fazer?

Certamente não. Uma das obrigações dos bons pais é a de orientar os seus filhos nos hábitos de saúde e a de dar-lhes o costume do estudo e do trabalho para que mais tarde possam usufruir esse cabedal.

Porque então essa timidez no que se refere a religião? Porque não orientá-los no caminho do Judaísmo quando ainda não possuem a compreensão necessária para saber o que é mais conveniente?

A criança que não aprende a estudar, trabalhar e a ter hábitos de saúde dificilmente mais tarde se habituará a fazê-lo.

Como querem que seus filhos aprendam a compreender e a amar ao judaísmo se não lhes ensinam a fazê-lo?

OS CHAZAROS

De maior consequência foi a migração dos Judeus pelas vias do comércio do Mar Negro e do Rio Volga.

Naquela região viviam os Chazares, povo da raça tártara cujo chagan, Bulan, juntamente com os seus fidalgos, adoptaram a religião judaica. Dos arquivos restritos conservados desse reino judaico dos Chazares, que existiu durante um período de cerca de 250 anos, ficou provado que a sua capital Atel, estava situada perto do presente Astrakan, nas margens do Volga, ao passo que o território chazariano compreendia toda a Rússia do Sul. As incursões dos Chazares eram tão temidas pelos Persas, que eles edificaram um grande muro atrás do Caucaso para detê-los, enquanto a imperial Byzancio via-se obrigada a comprar a suspensão de suas hostilidades por pagamentos mal disfarçados, e os duques russos de Kiev a reconhecer a autoridade dos chagans judeus dos Chazares mediante um tributo fixado. O país dos Chazares judeus era governado com um espírito de extraordinária tolerância, tanto que, por exemplo, a corte suprema de justiça

constava de dois Judeus, dois Cristãos, dois Muçulmanos e um pagão, para representar os Russos e os Bulgaros. O chagan Obadiah, sucessor de Bulan, convidou alguns mestres judeus para virem ao país instruir o povo nos dogmas do Judaísmo; e foram somente as dificuldades da distância e da viagem que afastaram esse estado judaico do conhecimento geral dos Judeus. Foi por meio de embaixadas de Byzancio que Chasdaï ibn Shaprut, homem de Estado judeu da corte de Córdoba, teve notícia da sua existência em meados do século décimo; e é graças a uma correspondência existente, por ele iniciada com o chagan José, que nos chegaram as informações a respeito dos Chazares judeus. Eles mantiveram o seu poder até o ano 969, quando Sviatoslao, duque de Kiev, conquistou a capital e o território dos Chazares. Muitos deles se retiraram para a Crimeia, que também se tornou conhecida por Chazaria; mas o seu poder político desapareceu, e eles perderam-se na massa de Judeus e Caraitas que ali se estabeleceram e geralmente no Sudoeste da Europa.

A PALAVRA JERUSALÉM

Condensado da Revista Filológica; pelo Prof. Dr. David Perez

Vejamos se esta palavra tem etimologia comprovada na história desta cidade.

Há cem anos mais ou menos só se conhecia a documentação bíblica hebraica grega ou latina. Esta e alguns estudos de epigrafia grego-latina, além de escritores judeus e cristãos dos primeiros séculos do cristianismo constituíam a documentação em que se podiam estribar as bases para as interpretações e pesquisas.

Mas, depois de Champolion (1825), e mais tarde Botha (1848), as escavações arqueológicas foram trazendo a lume testemunhos tais que se tornou necessário, refazer todos os quadros históricos do Mundo Antigo — Oriental.

Dito isto vejamos a arqueologia a respeito de Jerusalém. Os egípcios sob a 18^a dinastia dominaram a Palestina.

Isto foi no II milénio antes de Cristo. Em certo monumento se lê *Rixolima* e na tablete de Tell el Amarna, *Ursulina*. Daí por diante outras inscrições acusam o mesmo nome.

Convém falar ligeiramente deste prefixo — palavra *ur*.

Ele se encontra ligado a alguns nomes próprios do Oriente.

Ur Kasdim — Pátria de Abraham;

Urartu, *Ursulina* ou *Usulina* ou *Ursulima* ou *Urxulima* ou *Urxalém* e outras.

No caso de *Urxalém* seria este *ur* fundação e, portanto, a tradução: fundação de *Xalém*. (*Salém*).

A forma *Ur* com este sentido corresponde a *yer* da língua hebraica que segundo alguns, é também fundação.

Isto decorre dos monumentos cujas inscrições foram traduzidas depois que os estudos arqueológicos modernos revelaram ao mundo actual os segredos do mundo antigo.

Desses monumentos também se prova que *Jerusalém* existiu e com o nome de *Ursalem* muito antes que a Grécia pudesse projectar a luz da sua cultura sobre as nações e, podemos afirmar,

quando estava recebendo as luzes de que o Oriente dispunha para lhe oferecer. Dada, pois, a sua antiguidade esta *ur* — que corresponde ao hebraico *yer* não podia ser empréstimo da palavra grega *Hierós*.

A palavra *Irosolima*, com esse — iota aspirado, ou é corrupta ou verdadeira sujestão semântica, que lisonjeava os tradutores judeus — egípcios que fizeram a *Septuaginta*.

São Jerónimo nos dá o testemunho mais seguro que, no caso, se pode oferecer. Antes de mais nada ele não desconhecia a *Bíblia* hebraica, e muito menos a *Septuaginta*. O seu nome ele o assinava *Hieronimus* e lá está o *Hiérós* — mas este nome é grego; e ele, ao mencionar o nome da Cidade Santa, sempre escreveu *Jerusalém*; nada de *Hierosolina*.

Conclusão: a) — O nome de *Hierolima* é uma corrutela e de modo algum pode corresponder ao termo *Jerusalém*.

b) — Antes de haver literatura grega já se conhecia este nome sem indício algum de vogal aspirada inicialmente.

c) — Este nome se popularizou no Ocidente por influência do cristianismo, e a *Vulgata*, que é documento oficial da Igreja Católica, se escreve *Jerusalém*.

d) — De acordo com a Doutrina hoje aceita entre os etimologistas, o étimo imediatamente anterior é que se deve considerar. Esse étimo mais próximo é *Jerusalém* e não *Hierosolima*.

Hanukah de 1956

A primeira noite de Hanukah ou da Festa dos Macabeus é este ano na noite de 28 de Novembro.

MEMÓRIAS

da Literatura Sagrada dos judeus portugueses desde os primeiros tempos da Monarquia até fins do Século XV

MEMÓRIA I

POR ANTÓNIO RIBEIRO DOS SANTOS

(CONTINUAÇÃO DO N.º 153)

Três Edições de Isaías e Jeremias. I Edição. II Edição - Houve algumas edições de Isaías e Jeremias com os Comentários de Kimchi, feitas em Lisboa, e em diversos anos. A primeira foi feita em 1490 que atesta have-la visto o sábio crítico João Bernardo Rossi (*Integração crítica sobre a Origem da Tipografia Hebraica* pág. 56). A segunda em 1492 em fol. (No fim se lê, segundo traslada Rossi: *Exaratos, Liber, Ulissipone in domo R. Eliezer an. M. 5252* os Bibliógrafos por engano, e também Masch, que os seguiu, a põem em 1497 o que já notou o mesmo Rossi no *Apendix* da Biblioteca March pág. 28 no Livro de algumas antiquíssimas Edições desconhecidas do Texto Hebreu Bíblico pág. 29 e no *Aparato Hebreu Bíblico* pág. 54 n.º 15 o que aprova o eruditíssimo Bibliotecário da Academia Júlia Carolina, Paulo José Bruns em a nota ao *Suplemento*, que fez sobre a *Dissertação Geral ao Testamento Velho* de Benjamin Kennicott. pág. 557 Verb. *Anglia*) a qual é mui rara (V. Wolfio *Bibliot. Hebr.* Tom. I pág. 301. Le Long houve esta edição por muito rara e com efeito Kennicott da sua obra do *Estado da Colação* pág. 105 lamentava não se haver nenhum exemplar nas Bibliotecas; e do mesmo se queixava também João Bernardo de Rossi no livro da *Origem da Tipografia Hebraica* pág. 58. Contudo o mesmo Rossi veio a descobrir depois dois exemplares, um completo e perfeito, e outro mutilado em Isaías; *Apend. ad Bibliot. Masch.* pág. 29, e os deu en-

tão pelos únicos que até àquele tempo se conheciam, como ele dizia no *Aparato Hebreu Bíblico* pág. 54 n.º 15 nas notas.

Porém, depois o douto Paulo Jacob Bruns chegou a ver em Oxford na Biblioteca Bodleiana entre os livros impressos de Seldeno Art. R. 2. 15 um raríssimo exemplar Hebraico de Isaías em folha com os Comentários marginaes de R. David Kimchi, o qual não tinha ano, nem lugar de impressão; diz porém, que pelo carácter lhe parecera ser a mesma edição Ulissiponense de Isaías e Jeremias de 1492 que tinha Rossi, ou antes por ventura a mesma Ulissiponense de 1490 que o mesmo Rossi havia visto. Assim o atesta no *Suplemento* sobre a *Dissertação Geral ao Testamento Velho* de Kennicott § 172 pág. 557 e 558. Com esta edição comprova Rossi as Lições do *Cod. Pontif. de Pio VI* ora Reinante, no cap. 49 vol. 21 de Jeremias, e no cap. 33 vol. 1 de Isaías, *Specimen Variar. Lection* pág. 52, 57).

Continua

Solenidades em 1957

Purim - 17 de Março
 Páscoa - 16 de Abril
 Shebuoth - 5 de Junho
 9 de Ab - 6 de Agosto
 Rosh Hashanah - 26 de Setembro
 Kipur - 5 de Outubro
 Sukoth - 10 de Outubro
 Hanukah - 18 de Dezembro